

Experiências de assédio de rua: homens e mulheres vivenciam igualmente?¹

Street harassment experiences: Do men and women experience it equally?

Natalia Fernandes Teixeira Alves², Luana Elayne Cunha de Souza³, Luciana Maria Maia¹, Garlanda Lemos de Sousa¹ & Samara Rocha Magalhães Diógenes⁴

RESUMO: Esta pesquisa teve como objetivo analisar as experiências de assédio de rua vivenciadas por homens e mulheres, tendo em vista conhecer as diferenças na forma como essa prática apresenta-se para esses dois grupos. Participaram 323 pessoas da população geral, com idades variando entre 18 e 65 anos ($M = 27,5$; $DP = 8,10$), sendo a maioria mulheres (73,5%). Os participantes responderam a um questionário online com perguntas objetivas sobre a frequência e os lugares em que sofrem assédio de rua e perguntas abertas sobre o relato dessas experiências, além de questões sociodemográficas. Os resultados evidenciam que as mulheres experienciam majoritariamente o assédio de rua em comparação aos homens. Além disso, quanto aos homens, observou-se que experiências de assédio de rua aconteciam majoritariamente com homens homossexuais, quando esses homens se autodenominavam heterossexuais, as experiências relatadas não condiziam com a definição teórica do que é assédio de rua. Ou seja, experiências relatadas pelos homens heterossexuais como assédio, na verdade não o eram. Desse modo, pode-se concluir que o assédio de rua se configura como uma forma de violência, e que embora seja sutil, é necessário que seja reconhecido para ser combatido.

Palavras-chave: Assédio de rua; Assédio por estranhos; Violência; Espaço público; Mulher.

ABSTRACT: This research aimed to analyze the experiences of street harassment lived by men and women, in order to know the differences in the way this practice is presented for these two groups. 323 people from the general population participated, with ages varying between 18 and 65 years old ($M = 27.5$; $SD = 8.10$), the majority being women

¹ A pesquisa foi financiada pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP)

² Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

³ Centro Universitário de Brasília (CEUB)

⁴ Universitário Vale do Salgado (UNIVS)

(73.5%). They answered an online questionnaire with objective questions about the frequency and places where they experience street harassment and open questions about the reporting of these experiences, in addition to sociodemographic questions. The results show that women mostly experience street harassment compared to men. Furthermore, regarding men, it was observed that experiences of street harassment mostly occurred with homosexual men, when these men called themselves heterosexual, the experiences reported did not match the theoretical definition of what street harassment is. In other words, experiences reported by heterosexual men as harassment, in fact, were not. Therefore, it can be concluded that street harassment is a form of violence, and that although it is subtle, it needs to be recognized in order to be combatted.

Keywords: Street Harassment; Harassment strangers; Violence; Public space; Women.

Introdução

A igualdade de condições e oportunidades entre mulheres e homens ainda é uma realidade longe de ser alcançada. Essa desigualdade de gênero pode ser exemplificada a partir de dados estatísticos que evidenciam que, embora a diferença tenha diminuído, as mulheres no Brasil recebem, em média, 20,5% menos que os homens (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2019). Esse dado persiste mesmo quando o tempo de estudo e o nível de escolaridade são equivalentes para esses dois grupos (Ministério do Trabalho, 2018).

A desigualdade de gênero não se verifica somente em relação à renda, mas está presente em diversos contextos da vida cotidiana. Destacam-se aqui as atitudes e comportamentos negativos dirigidos às mulheres nas relações interpessoais, que, direta ou indiretamente, em diferentes níveis e formas, causam consequências danosas à população feminina, além de constituírem uma forma de violência que reforça uma hierarquia de gênero (Ferreira, 2004; Garcia, 2016).

A violência contra as mulheres é um problema público que afeta meninas e mulheres diariamente de todas as classes sociais, idades e etnias, embora em diferentes

intensidades. Trata-se de uma questão histórica que continua sem uma solução definitiva, pois a sociedade ainda perpetua dinâmicas que oprimem aqueles que se identificam com o gênero feminino (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024).

Em relação a práticas violentas dirigidas às mulheres, em 2023, o atlas da violência aponta que o Brasil registrou uma taxa de homicídios de mulheres de aproximadamente 5,4 por 100 mil habitantes. Esse número reflete um aumento em relação ao ano anterior (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Atlas da violência, 2024). Sobre violência sexual, mulheres entre 25 e 34 anos apresentaram maior prevalência de vitimização por violência sexual dentre todas as faixas etárias (24,8%). Ou seja, 1 em cada 4 mulheres entre 25 e 34 anos afirmaram ter sofrido alguma forma de ofensa sexual e/ou tentativa forçada de manter relação sexual com o parceiro íntimo. Em relação à experiência de assédio sexual, até março de 2023, segundo a pesquisa *Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil*, o equivalente a 30 milhões de mulheres foram assediadas sexualmente no ano de 2022 (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, *Visível e invisível: A vitimização de mulheres no Brasil*, 2024). É fundamental destacar que esses dados podem ser ainda mais alarmantes, uma vez que se reconhece a dificuldade de mensurar a violência contra a mulher, em decorrência da subnotificação dessas ocorrências em documentos oficiais (Silva, 2017).

Além das formas mais flagrantes de violência contra a mulher, há também atitudes e comportamentos que se apresentam de modo sutil, que embora pareçam ser menos graves, contribuem também para a manutenção da desigualdade de gênero, uma vez que são naturalizados e legitimados pela sociedade (Ramadan, 2018). Um exemplo dessa violência pode ser ilustrado quando o homem se percebe no direito de comentar sobre o corpo da mulher, em diferentes espaços públicos, de forma maliciosa e desrespeitosa, tomando-a como um objeto e a ele mesmo como um sujeito capaz de domínio sobre ela.

Esse tipo de situação tem sido descrito na literatura como assédio de rua (Tuerkheimer, 1997). Em outras palavras o assédio de rua configura-se por práticas intrusivas indesejadas de conotação sexual, que acontecem de modo imprevisível e inevitável, seja de forma verbal ou não verbal (comentários, gestos e sons, olhares abusivos e constrangedores), praticadas por homens contra as mulheres em espaços públicos, de uma forma que as objetifique sexualmente (Alves & Souza, 2024).

O assédio de rua, enquanto forma de violência contra a mulher, tem sido minimizado e, frequentemente, tomado como prática equivalente à cantada. Essa equivalência é problemática, pois apresenta-se uma forma de minimizar uma violência e, isso, aparece sutilmente.

Sendo assim, julga-se importante definir e diferenciar cantada de assédio de rua, para que possíveis usos dessas palavras/comportamentos não sejam considerados sinônimos. Entende-se por cantadas, brincadeiras, paqueras, cortejos, flertes ou elogios avaliados como normais. Cantada apresenta-se de forma consensual e leve, pressupondo vontade e desejo das duas partes em flertar. Já o assédio de rua é compreendido como um comportamento violento que é praticado através de atitudes ofensivas, constrangedoras e depreciativas (Santos, 2016). O assédio de rua engloba uma variedade de comportamentos, gestos e comentários, que possuem algumas características definidoras, de modo que, de uma forma geral: os alvos do assédio de rua são mulheres; o assédio é praticado por homens; os assediadores não conhecem seus alvos; o encontro, ou seja o contexto em que o assédio ocorre, é face a face; as situações de assédio ocorrem em lugares públicos, tais como rua, calçada, ônibus, estação de ônibus, táxi; mas o conteúdo do assédio, quando é o caso, não se caracteriza como algo sendo público (Bowman, 1993). Sobre a concensualidade, no assédio isso não existe, pois é unilateral. Ali há desconforto, medo, incômodo, angústia e ansiedade (Savio, 2016).

Logo, observa-se que a cantada não alcança a gravidade e a natureza do fenômeno do assédio de rua, de modo que usar esses termos como práticas equivalentes minimiza a importância de compreender o assédio como forma de violência que afeta o cotidiano das mulheres (Ramadan, 2018).

Essa distinção entre assédio de rua e cantada parece ainda não ser clara para o senso comum, na contramão de campanhas publicitárias que procuram conscientizar sobre essa problemática (Deboni & Silva, 2018). Esse fato enfraquece a perspectiva do assédio de rua como uma violência contra a mulher e favorece que essa prática se apresente de forma inevitável, onipresente e com alta prevalência. Neste sentido, o assédio de rua, que deveria ser considerado um grave problema social e cultural (Saunders et al., 2017), configura-se como mais uma forma de violência legitimada e naturalizada contra a mulher; trata-se de um fenômeno invisibilizado na sociedade e que apresenta um alto nível de impunidade, sobretudo porque denunciar essa prática torna-se complicado pela dificuldade de se obter provas.

Pesquisas sobre a temática têm reconhecido o assédio de rua como uma forma de violência por gerar consequências claras e práticas na vida das mulheres (Saunders et al., 2017; Farmer & Jordan, 2017, Garrido et al., 2017). Em relação às consequências, tem-se o constrangimento e a vergonha que a mulher sente ao ser assediada quando, por exemplo, anda pelas ruas. O medo é outro aspecto que deve ser destacado, pois, a partir desse sentimento, as mulheres costumam evitar certas ruas, roupas, lugares e horários, por receio de que, a partir do assédio, decorra uma violência maior, como o estupro e o feminicídio (Farmer & Jordan, 2017; Saunders et al., 2017).

Pesquisa desenvolvida por Dhillon e Bakaya (2014), com o objetivo de compreender o assédio nas ruas de Delhi, na Índia, na perspectiva de jovens mulheres que experienciavam esse fenômeno, apontam em seus resultados que as participantes

revelaram ter suas vidas restritas pelo assédio, sendo até a polícia vista como indiferente à situação. As autoras verificaram que, em alguns casos, em função do medo, as mulheres escolhiam afastar-se dos assediadores, em vez de enfrentá-los, apesar de reconhecerem que a estratégia contribuía para a perpetuação da violência.

Em relação ao Brasil, Alves e Souza (2024) analisaram a percepção do assédio de rua no contexto brasileiro, por meio de uma pesquisa quanti-quali. Participaram 323 pessoas da população geral, com idades variando entre 18 e 65 anos ($M=27,5$; $DP=8,10$). Os resultados quantitativos mostraram que os participantes percebem o assédio como um comportamento sexista; contudo, mulheres percebem mais do que homens. Essa percepção varia de acordo com o contexto em que o assédio ocorre, ou seja, o assédio que acontece na rua é visto como mais sexista do que quando ocorre em uma festa. Ademais, os resultados mostram que o sexismo hostil influencia significativamente de forma negativa a percepção do assédio de rua. Além disso, os resultados qualitativos convergem com o que foi encontrado nos dados quantitativos, de modo que as pessoas percebem e justificam a situação ocorrida como assédio.

Em relação à prevalência do assédio de rua, diferentes pesquisas ressaltam que esse tipo de assédio é vivenciado, demasiadamente, por diferentes mulheres, em diferentes países e culturas. Dados de diferentes pesquisas indicam que no Canadá, 77% das mulheres ($n = 1.900$) relataram sofrer assédio de rua (Lenton, Smith, Fox, & Morra, 1999); na Austrália, 91% das mulheres ($n=1.426$) relataram sofrer assédio de rua regularmente (Johnson & Bennett, 2015); no Afeganistão, 93% das mulheres ($n = 321$) relataram sofrer assédio de rua regularmente (Women and Children Legal Research Foundation, 2015); no Egito, 85% das mulheres ($n=1.010$) relataram ter sofrido algum tipo de assédio de rua no ano anterior ao da pesquisa (Shoukry, Hassan, & Komsan, 2008). Esses dados reafirmam o quanto o assédio de rua é uma realidade frequente que atinge

diferentes mulheres, em diferentes espaços, em diferentes culturas e em distintas faixas etárias, desde muito novas.

Embora a literatura demarque que o assédio de rua é um fenômeno vivenciado pelas mulheres e que precisa ser olhado a partir de uma perspectiva de violência de gênero, tendo em vista que são as mulheres o alvo principal, é comumente discutido pelo senso comum que homens também sofrem assédio de rua. De fato, há evidências científicas que indicam que os homens também sofrem assédio de rua. O estudo realizado por Kearl (2010) corrobora essa afirmação. Os resultados apontam que entre 80% e 90% dos participantes, incluindo homens e mulheres, afirmaram que sofreram alguma forma de assédio de rua. O autor ressalta, contudo, que embora os homens tenham relatado vivenciar o assédio de rua, essa situação é uma realidade experienciada pelas mulheres com maior frequência. Em outro estudo, o autor descreve que nos Estados Unidos, 65% das mulheres relatam sofrer assédio de rua regularmente em comparação com 25% dos homens, sendo estes, especialmente, homens que se identificam como fazendo parte da comunidade LGBT (Kearl, 2014).

Esses estudos apontam contestações que interfere no aspecto de violência de gênero do assédio. Então, afinal, homens e mulheres sofrem assédio? Diante das considerações apresentadas e dessa interrogação, este trabalho busca dirimir dúvidas sobre como se configura o assédio de rua para mulheres e homens. Neste sentido, essa pesquisa teve como objetivo analisar as experiências de assédio de rua vivenciadas por homens e mulheres, tendo em vista conhecer as diferenças na forma como essa prática apresenta-se para esses dois grupos.

Método

Participantes

Participaram 323 pessoas da população geral, com idades variando entre 18 e 65 anos ($M = 27,5$; $DP = 8,10$), sendo a maioria do sexo feminino (73,5%), de orientação heterossexual (83,6%), de nível de escolaridade superior completo (49,1%), que se reconheciam de classe social média (41%) e cor branca (41,4%).

Instrumentos

Os participantes responderam a um questionário *online*, formado pelos instrumentos apresentados na ordem a seguir.

Medida de Frequência de Assédio de rua

Os participantes responderam sim ou não sobre já terem passado por assédio em ambientes públicos. Em seguida, responderam sobre a frequência com que isso acontecia com eles, em uma escala *Likert*, variando de 1 (Nunca) a 5 (Sempre). Usando essa mesma escala, para avaliar a constância da vivência do referido fenômeno, os participantes responderam, tomando como referência o último ano, com que frequência eles passaram por assédio. Ainda foi solicitado que respondessem sobre os lugares (rua, ônibus, parada de ônibus, praia, praça, shopping, supermercado, festas, uber/aplicativos), que passaram por assédio, usando uma escala *Likert*, variando de 1 (Nunca) a 5 (Sempre). Essas estratégias foram inspiradas em estudos anteriores (Davidson, Gervais, & Sherd, 2013; Fairchild & Rudman, 2008).

Em seguida, foram apresentadas as seguintes questões aos participantes: (1) Relate, entre as experiências de assédio que você sofreu, aquela que mais lhe marcou e informe em que lugar aconteceu; e (2) O que você costuma fazer para evitar passar por esse tipo de situação?”. Por último, a fim de caracterizar os participantes, foram feitas perguntas de cunho sociodemográfico, contemplando, idade, sexo, escolaridade, estado civil, orientação sexual, religião e classe social.

Procedimentos de coleta e aspectos éticos

A coleta de dados foi *online*, utilizando-se o programa *Google Forms*. O link da pesquisa foi divulgado por meio de redes sociais, especificamente *WhatsApp*, *Instagram* e *Facebook*. O link para acessar os questionários da pesquisa ficou disponível de dezembro de 2018 a janeiro de 2019. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade de Fortaleza com número de aprovação 2.619.012, e todos os procedimentos adotados seguiram as determinações das Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde

Análise de dados

Utilizou-se o software SPSS para as análises estatísticas descritivas (medidas de tendência central e dispersão). As situações de assédio de rua foram analisadas a partir dos relatos dos participantes sobre as experiências que mais lhe marcaram e em quais lugares elas aconteceram. Para conhecer diferenças e/ou semelhanças na forma como homens e mulheres experienciam esse tipo de violência, foram realizadas análises textuais independentes. Primeiramente, optou-se por usar o programa Iramuteq para a análise das respostas de homens e mulheres, considerando dois corpus distintos. Contudo, essa análise foi possível apenas para o corpus formado pelas respostas das mulheres, pois o conteúdo formado pelas respostas dos homens não atendeu ao critério de quantidade de material mínimo para ser analisado pelo programa. Diante desse dado, optou-se por analisar os relatos sobre as experiências de assédio das mulheres no software Iramuteq, especificamente a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), e para as respostas dos homens, optou-se por realizar uma Análise de Conteúdo. Por fim, usou-se o Iramuteq para realizar uma Nuvem de Palavras, como estratégia de, visualmente, destacar as palavras e termos mais frequentes nas respostas dos participantes sobre o que costumam fazer para evitar uma situação de assédio de rua.

A CHD consiste em uma análise que visa obter classes de segmentos de texto e apresentar relações entre essas. Para tanto, três etapas foram seguidas, a partir das respostas das mulheres: a preparação e codificação do texto inicial; a classificação hierárquica descendente, realizada pelo processamento dos dados; e a interpretação das classes (Souza, Wall, Thuler, Lowen, & Peres, 2018).

Já a análise Nuvem de palavras trabalha com a representação gráfica em função da frequência das palavras (Camargo & Justo, 2018). Para tal análise, o texto foi lematizado, codificado e por fim selecionou-se aproximadamente a metade das formas (palavras) desse corpus, ou seja, palavras com frequência igual ou superior a 8.

A Análise de Conteúdo Temática, para as respostas dos homens, seguiu as orientações propostas por Minayo (2014), sendo realizada por duas das autoras desse trabalho que atuaram como juízas de modo independente. Nesse processo, três etapas foram respeitadas: (1) fez-se uma leitura das respostas e a identificação preliminar dos núcleos de sentido; (2) a partir da exploração do material, tendo em vista o objetivo da pesquisa e a literatura sobre o tema, as juízas definiram, categorias para a organização das respostas; (3) as categorias criadas foram nomeadas e interpretadas conjuntamente pelas juízas.

Resultados

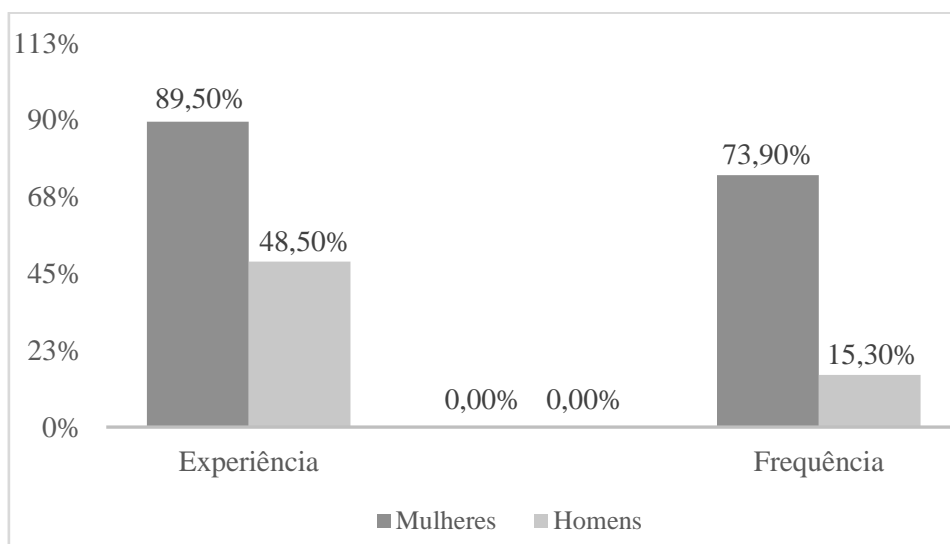
Os resultados são apresentados em três blocos: (1) experiência, frequência e local do assédio para homens e mulheres; (2) descrição das situações de assédio de rua para homens e mulheres; (3) e apresentação de estratégias que os participantes descreveram para evitar o assédio de rua.

Experiência, frequência e local do assédio para homens e mulheres

Em relação à experiência e frequência de assédio de rua, conforme pode ser visualizado na Figura 1, 89,5% das mulheres participantes da pesquisa relataram já terem passado por alguma situação de assédio de rua; no caso dos homens, o percentual é de 48,5%. Sobre a frequência com que o assédio de rua acontece, as mulheres vivenciam com mais frequência (: 73,9%) em comparação aos homens (15,3%). Os achados indicam que, embora alguns homens digam terem tido experiência de assédio de rua, são as mulheres que vivenciam esse fenômeno de forma regular e cotidianamente.

Figura 1.

Experiência e frequência de assédio em ambientes públicos



Outro dado importante para perceber essa diferenciação, e que reforça os resultados anteriores, refere-se à análise dos lugares onde os participantes já sofreram assédio de rua. Na comparação das respostas de homens e mulheres, percebe-se que as mulheres sofrem assédio com maior frequência em todos os lugares, sendo rua, festas e ônibus os lugares em que mais sofrem assédio. No caso dos homens, festas é o lugar que mais sofrem assédio. De tal modo, para compreender como tal fenômeno aparece para homens e mulheres, analisou-se descrições de situações de assédio de rua apresentadas por homens e mulheres.

Descrição das situações de assédio de rua para homens

No que se refere aos homens passarem por experiências de assédio de rua, destaca-se que do total de 85 homens que participaram desta pesquisa, somente 34 responderam tal questão “aberta”. Nesse cenário, é importante, atentar-se para o fato de que a maioria dos homens não respondeu a essa pergunta e, entre os que responderam, 28 se afirmaram heterossexuais e 6 homossexuais. Diante disso, optou-se por agrupar esses dados em duas categorias: 1) Homens que não sofrem assédio de rua e 2) Homens que sofrem assédio de rua.

Categoria 1 – Homens que não sofrem assédio de rua

Esta categoria esteve presente na fala de 7 participantes e reúne somente respostas de homens heterossexuais, que indicaram não terem passado por experiência de assédio de rua. Nesta categoria estão reunidas respostas claras e objetivas que negam a experiência: “Não” (Participantes 242, Heterossexual), “Nunca sofri” (Participante 268, Heterossexual), “Nenhuma experiência. Nunca sofri” (Participante 287, Heterossexual).

Categoria 1 – Homens que sofrem assédio de rua

Nas respostas dos 27 homens que fazem referência a situações de assédio, tem-se duas principais subcategorias: “Assédio como uma abordagem invasiva” e “Assédio como uma abordagem normal”.

Na primeira subcategoria, “Assédio como uma abordagem invasiva”, tem-se um total de 6 respostas. Tais respostas são de participantes homens homossexuais que ressaltam sofrer assédio de rua regularmente. Isso pode ser ilustrado nos trechos a seguir: “Aconteceu mais vezes, mas uma vez eu estava em um ônibus e um senhor ficou me encarando ao mesmo tempo que passava a língua entre os lábios e, quando eu estava prestes a descer, ele tentou me tocar” (Participante 254, Homossexual), “Já fui abordado por um homem em um carro na rua que me convidou a entrar e, diante da negativa, me seguiu. Isso me deixou com bastante medo. Na balada, várias vezes,

homens desconhecidos passam a mão propositalmente no meu corpo” (Participante 281, Homossexual).

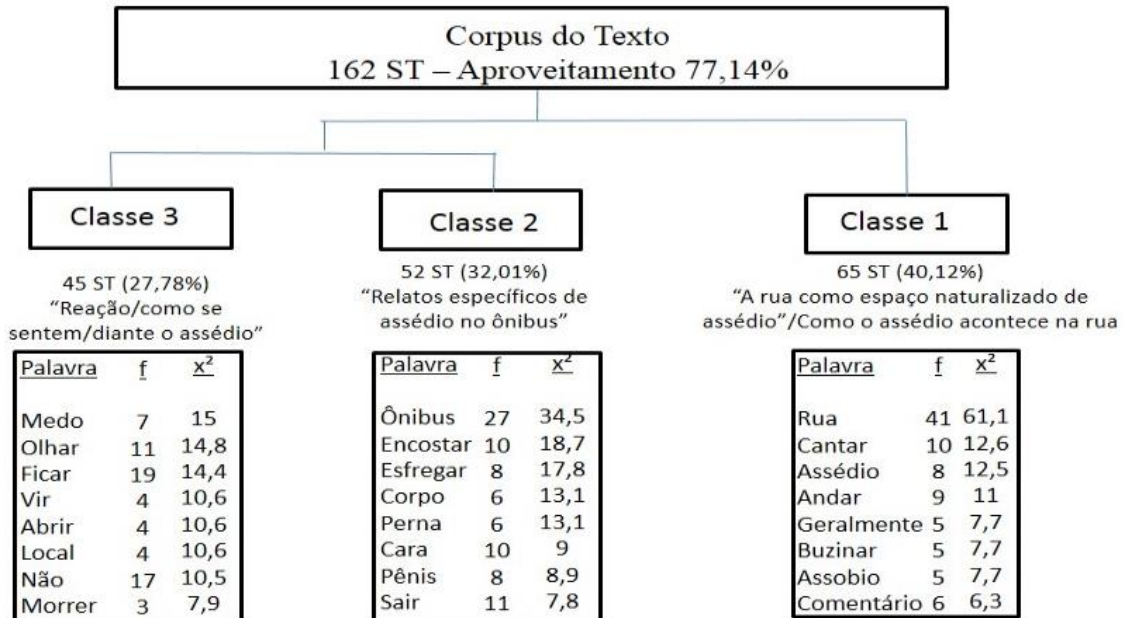
Já a subcategoria, “Assédio como uma abordagem normal”, é composta por 21 respostas e reúne relatos de homens heterossexuais que afirmaram já terem sofrido assédio de rua, mas somente uma vez. Importante destacar que, embora os homens reconheçam como uma situação de assédio a experiência relatada, eles afirmaram não se sentirem violentados diante da situação. Os homens avaliaram as situações de assédio de rua como comuns, normais e aceitáveis; caracterizaram-nas como abordagens que ocorrem em festas e que podem ser levadas na brincadeira; e, desse modo, aproximou-as de situações de paquera. As falas a seguir ilustram esse entendimento: “Aconteceu uma única vez, dois gays me cantaram” (Participante 310, Heterossexual). “Sim, mas apenas abordagens normais de festa” (Participante 244, Heterossexual), “Não considero paquera como sendo assédio” (Participante 271, Heterossexual), “Sou homem e já passei por assédio, tanto de homens quanto de mulheres, mas não me senti violentado, apenas sem graça. A verdade é que vocês gostam de fazer tempestade em copo d’água” (Participante 294, Heterossexual), e “Não dei importância. Levei na brincadeira” (Participante 287, Heterossexual).

Descrição das situações de assédio de rua para mulheres

Quanto aos relatos de experiências de mulheres com o assédio de rua, esses foram analisados com o auxílio do Iramuteq, por meio de uma CHD. O *corpus* formado foi constituído por 159 respostas, separadas em 210 segmentos de texto (ST), com aproveitamento de 162 ST (77,14%). Emergiram 5.234 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 1.337 palavras distintas e 828 com uma única vez. O conteúdo analisado foi categorizado em 3 classes: Classe 1, com 65 ST (40,12%); Classe 2, com 52 ST (32,01%); e Classe 3, 45 ST (27,78%). Isso pode ser observado na Figura 2.

Figura 2.

Dendograma da Classificação Hierárquica Descendente das experiências de assédio das mulheres



A classe 1, denominada “A rua como espaço naturalizado de assédio/como o assédio acontece na rua”, reúne respostas que se referem à rua como um espaço em que o assédio é permitido e naturalizado. A classe 1 também reúne informações sobre a forma como o assédio se apresenta nas ruas (comentários, buzinas e assobios) e o contexto em que ocorre (quando as mulheres estão andando sozinhas). Ainda nessa classe, aparecem respostas que se referem à cantada como sinônimo de assédio. Os trechos a seguir ilustram esses conteúdos: “Voltando da academia, andando nas ruas fui assediada no mínimo cinco vezes, por motoqueiros gritando, carros buzinando, caminhão desacelerando” (Participante 6, Heterossexual). “Esse ano, fui andando até a beira mar com roupa de academia, pois estava indo me exercitar, e contei um total de 21 cantadas” (Participante 88, Heterossexual).

A classe 2, nomeada de “Relatos específicos de Assédio no ônibus”, contempla respostas que fazem referência especificamente a situações de assédio que ocorrem no ônibus praticadas por homens (nas palavras das participantes “os caras”) que se encostam

e se esfregam nas mulheres de forma erotizada, em que as mulheres relatam sentir a excitação sexual do homem. Além disso, elas relatam situações vividas dentro do ônibus de homens que passaram a mão nelas. Esses conteúdos podem ser observados nos exemplos a seguir: “Já passei por duas situações em ônibus em que um homem não parava de se esfregar em mim e dava para sentir a ereção do pênis, nojento. Isso aconteceu tanto com ônibus cheio quanto com poucas pessoas dentro” (Participante 155, Bissexual). “No ônibus, um cara ficou esfregando os dedos nas minhas pernas” (Participante 154, Heterossexual). “Eu já estava na faculdade, tinha entre dezenove e vinte anos, no ônibus um cara ficou encostando o pênis em mim” (Participante 35, Heterossexual).

Na classe 3, chamada de “Reações/como se sentem diante do assédio”, encontram-se as repostas que fazem referência ao modo como as mulheres se sentem e reagem em situações de assédio de rua. Os relatos descrevem episódios em que homens ficam olhando fixamente para as mulheres e dizendo coisas de cunho sexual. As mulheres referem-se a esses episódios como situações que as deixam com medo, sem saber como lidar e que, algumas vezes, as silenciam. Os exemplos a seguir ilustram os conteúdos dessa classe: “Estava passando pela rua e tinham uns rapazes na calçada que ficaram me olhando até eu me aproximar e começaram a falar coisas como gostosa, ah se eu te pego. Fiquei super constrangida e com medo”. (Participante 102, Heterossexual). “Eu fiquei tão chocada que não conseguia me mover, só pedia à Deus que aquilo parasse e chegasse logo a minha parada” (Participante 35, Heterossexual).

(...) um homem me acompanhou em uma bicicleta, (...) ele me trancou entre a bicicleta e a parede do muro de uma casa, me chamando de gostosa e [dizendo] que estava excitado. Tentei gritar por socorro, mas a minha voz não saía de tanto medo. Comecei a chorar e ele começou a achar bom porque eu estava com medo dele. (...). Um homem (...) ouviu meu choro e saiu no portão. Só assim o homem

me liberou e, mesmo assim, saiu fazendo piada porque eu estava chorando. Foi o pior momento da minha vida. Senti vergonha, nojo, medo. E mais revolta porque mulheres que moram na rua saíram pra ver o que estava acontecendo e eu sentia o olhar delas de julgamento pela roupa que eu usava, pois estava de short. (Participante 138, Heterossexual).

Estratégias para evitar o assédio de rua

Para aprofundar sobre as vivências e reações dos participantes frente ao assédio de rua, analisou-se as estratégias que homens e mulheres utilizam para evitar tal fenômeno. Isso pode ser observado na Figura 3.

Figura 3.

Nuvem de palavras – “O que fazem para evitar o assédio.”



Como pode ser observado na Figura 3, a palavra “evitar” destaca-se na imagem e sua combinação com outras palavras demonstra diferentes estratégias frente a situações de assédio de rua. Embora o número de mulheres e homens que responderam tal pergunta seja próximo, contabilizando 63 mulheres e 50 homens, os conteúdos das respostas são

bastante diferentes, o que justifica considerar a análise por grupo: mulheres e homens, e em relação a esses últimos, homossexuais e heterossexuais.

Nas respostas de homens homossexuais foi muito comum referências a evitar algo, situação ou lugar. Como exemplo: “Agir naturalmente e evitar contato visual”; “Evitar andar só em lugares esquisitos”; “Procuo uma saída”. Já nas respostas de homens heterossexuais encontram-se conteúdos que sugerem que o grupo não reconhece o assédio de rua como um problema, possivelmente por não ser uma realidade para eles, e por isso não há o que ser evitado. Os homens heterossexuais falam das situações de assédio como engraçadas, minimizando os riscos e consequências desse fenômeno. A título de exemplo, seguem trechos de algumas respostas: “Não tenho nenhuma estratégia, pois esse tipo de situação raramente acontece comigo”; “Nem ligo... as vezes acho engraçado”; “Não tem o que evitar”; “Nada a evitar”. O resultado dessa análise reafirma os resultados apresentados anteriormente na análise de conteúdo dos homens.

Quanto às mulheres, independente da orientação sexual, o assédio de rua foi descrito como uma situação comum e uma realidade a ser evitada por meio de diferentes estratégias. As respostas das mulheres, em geral, tinham como conteúdo a referência a evitar uma situação específica ou a fazer algo, como, evitar roupas específicas, um horário arriscado para estar na rua, andar desacompanhada ou por lugares tido como perigosos. Além disso, as mulheres afirmaram usar como estratégia para evitar o assédio de rua andar mais rápido, mudar de direção, olhar pra baixo e andar em grupo. Esses conteúdos podem ser vistos nos exemplos a seguir: “evitar andar sozinha”; “andar desarrumada, sem maquiagem, sem muito perfume. Se eu souber que vou sair sozinha, evito chamar qualquer tipo de atenção”; “Ando geralmente acompanhada, em grupo de amigas”; “Atravessar ruas, andar mais rápido, mudar rotas”.

Em síntese, esses resultados mostram a frequência e experiências de assédio de rua vivenciadas pelos participantes, diferenciando as estratégias de homens e mulheres para evitar o problema. Os resultados deixam claro que o assédio de rua é uma realidade perpassada por questões de gênero, e os impactos podem ser evidenciados na vida dessas pessoas, sobretudo, das mulheres e, entre os homens, daqueles que se reconhecem como homossexuais

Discussão

O presente estudo teve como objetivo analisar as experiências de assédio de rua vivenciadas por homens e mulheres, tendo em vista conhecer as diferenças na forma como essa prática apresenta-se para esses dois grupos. Após a realização das análises dos dados, confia-se que o objetivo foi alcançado. Neste sentido, discute-se a seguir os principais resultados.

Os dados encontrados vão na direção de pesquisas anteriores que afirmam que as mulheres experienciam, com frequência superior aos homens, o assédio de rua em diferentes espaços públicos (Dhillon & Bakaya, 2014; Kearl, 2014). Embora esse resultado vá na direção dos achados da literatura, é importante discutir alguns dados que parecem ser divergentes. De fato, quando se analisam somente os números, que apontam situações de assédio numericamente próximas para homens e mulheres, pode-se supor que nesta pesquisa, em relação às experiências dos homens, tenha-se resultados diferentes de outros achados, que têm descrito o assédio de rua como uma situação vivenciada por mulheres (Garrido et al., 2017). No entanto, a análise de conteúdo das respostas dos homens permite afirmar que as experiências que esse grupo afirma ser de assédio de rua não correspondem a como esse fenômeno tem sido definido (Farmer & Jordan, 2017).

Por outro lado, as situações descritas por homens, que podem ser classificadas como sendo de assédio de rua, foram relatadas por homens que se reconhecem como fazendo

parte da população LGBT e de orientação heterossexual. A partir dessa análise, pode-se ler que os dados desse estudo corroboram, sim, os encontrados por Kearl (2014). Diante disso, pontua-se que quaisquer características ou comportamentos estereotipados socialmente que aproximem a imagem de um homem à figura feminina, são condições que os tornam socialmente mais vulneráveis e susceptíveis a diferentes tipos de violência, incluindo o assédio de rua (Santos, 2016).

Além disso, é de suma importância pontuar que alguns homens classificam situações de assédio de rua como sendo uma cantada, ou seja, como sendo algo comum e natural. A cantada é caracterizada, como uma conversa sedutora visando uma conquista, apresentando-se enquanto sinônimo de cortejo, cortesia, flerte, paquera, azaração (Santos, 2016). Entretanto, o uso desses termos como sinônimos de assédio pode ser interpretado como uma naturalização do assédio de rua e uma não compreensão e percepção desse fenômeno como um problema ou uma forma de violência (O'Neill, 2013). De algum modo, isso pode justificar o fato de homens se sentirem “imunes” ao assédio e, enquanto perpetradores dessa prática, naturalizar e banalizar esse problema social. Desse modo, os homens, beneficiados pela configuração social, que reafirma um lugar de privilégio, um *status* de “glória”, têm nas situações de assédio de rua uma forma de valorização e exaltação de suas masculinidades. Ademais, a fato de os homens descreverem como experiências de assédio situações que se caracterizam como cantadas, reforça discursos que minimizam o sofrimento e a violência dirigida às mulheres (Farmer & Jordan, 2017).

Quanto à análise das respostas apresentadas pelas mulheres, percebe-se e confirma-se que o assédio de rua é algo corriqueiro em suas vidas e que é um fenômeno que se apresenta de diferentes formas e em diferentes lugares públicos (Garrido et al., 2017). Outro ponto pertinente e que evidencia uma relativa banalização da violência, refere-se à descrição de experiências vividas pelas mulheres como assédio de rua, mas

que extrapolam essa dimensão, configurando-se como outras formas de violência, tais como estupro e pedofilia. Esses resultados reforçam o reconhecimento de que as mulheres estão mais vulneráveis a diferentes formas de violência (Câmara, Lima, & Cruz, 2019) e, muitas vezes, sem perceberem a dimensão desse fenômeno e de seus impactos. Esse é um aspecto importante de ser destacado, uma vez que não sendo reconhecido, ou tendo seus impactos minimizados, ficam comprometidos a análise e o enfrentamento a esse grave fenômeno social.

Por fim, a análise da nuvem de palavras sugere que o assédio de rua pode estar relacionado não apenas à questão de gênero, mas também à orientação sexual (Câmara et al., 2019). Os resultados desse estudo indicam que a orientação sexual de homens pode influenciar sua experiência em situações de assédio de rua (Kearl, 2014), como visto na análise de conteúdo das respostas dos homens, e também na análise de Nuvem de Palavras relacionada a comportamentos e situações que se propõem a evitar que o assédio de rua aconteça. Já homens heterossexuais, que responderam esta pesquisa, por não serem alvo dessa forma de violência, afirmam não terem nada a evitar. Na verdade, pode-se discutir que esses homens falam do lugar de perpetradores e não de vítimas dessa violência e, que discursos e práticas que reforçam, naturalizam e minimizam o assédio, alimentam uma masculinidade hegemônica, que tem se apresentado na base de comportamentos sexistas e da violência contra a mulher (Fairchild & Rudman, 2008; Saunders et al., 2017).

Quanto às mulheres, elas têm consciência de sua vulnerabilidade sexual, o que as fazem endossar fortemente noções de culpabilização do assédio de rua (Câmara et al., 2019). Desse modo, muitas vezes, as estratégias utilizadas por elas para evitar tal fenômeno envolvem o sentimento de medo e, a partir desse sentimento, as mulheres costumam evitar certas ruas, roupas, lugares e horários, por receio de que isso resulte em uma violência maior, como, por exemplo, o estupro e até mesmo o feminicídio.

Compreende-se, ainda, que tais estratégias utilizadas, tendo em vista essas diversas restrições, têm consequências na autonomia e liberdade das mulheres.

De todo modo, pode-se inferir que os efeitos emocionais e psicológicos do assédio de rua podem ocorrer independentemente da gravidade ou regularidade do evento (Fairchild, 2010). Assim, as acumulações de experiências com assédio de rua podem ajudar a explicar uma série de riscos à saúde mental que afetam desproporcionalmente às mulheres, como, por exemplo, depressão, disfunção sexual e transtornos alimentares (Frederickson & Roberts, 1997). Destarte, fica saliente a relação de poder existente nessas práticas de assédio, permitindo analisar esse fenômeno como uma forma de violência de gênero vivenciada pelas mulheres, porém minimizada e invisibilizada pela sociedade.

Referências

- Adamecz-Volgyi, A. & Szabo-Morvai, A. (2021). Confidence in public institutions is critical in containing the COVID-19 pandemic. *Econstor*.
<https://www.econstor.eu/handle/10419/234563>
- Ajzenman, N., Cavalcanti, T., & Da Mata, D. (2022). More than Words: Leaders' Speech and Risky Behavior During a Pandemic. *SSRN*.
<http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3582908>
- Arendt, H. (2019). *As origens do totalitarismo. Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. Companhia de Bolso.
- Barros, A. & Cabral, U. (27 de maio de 2021). Desemprego chega a 14,6% no terceiro trimestre, com alta em 10 estados. Agência IBGE Notícias. <https://abre.ai/jGDk>
- Bastian, B., Bain, P., Buhrmester, M. D., Gómez, A., Vázquez, A., Knight, C. G. & Swann Jr., W. B. (2015). Moral vitalism: Seeing good and evil as real, agentic forces. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 41(8), 1069–1081.
<https://doi.org/10.1177/0146167215589819>
- Bastian, B., Vaclair, C., Loughnan, S., Bain, P., Ashokkumar, A., Becker, M., Bilewicz, M., Collier-Baker, E., Crespo, C., Eastwick, P., Fischer, R., Friese, M., Gómez, Á., Guerra, V. M., Castellanos Guevara, J. L., Hanke, K., Hooper, N., Huang, L., Jinqi, S., Karasawa, M., ..., Swann Jr., W. B. (2019). Explaining illness with evil: Pathogen prevalence fosters moral vitalism. *Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences*, 286. Proc. R. Soc.B286: 20191576 <https://doi.org/10.1098/rspb.2019.1576>
- Bobbio, N. (2017). *O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo*. Paz e Terra.
- Brussino, S., & Acuña, M. I. (2015). Confianza política, valores sociales e ideología política de las elites de poder. *Interdisciplinaria*, 32(2), 223-246.
<https://doi.org/10.16888/interd.2015.32.2.2>

- Costa, S. S. (2020). Pandemia e desemprego no Brasil. *Revista de Administração Pública*, 54(4), 969-978. <https://doi.org/10.1590/0034-761220200170>
- Cuevas, J., & Dawson, B. L. (2021). An Integrated Review of Recent Research on the Relationships between Religious Belief, Political Ideology, Authoritarianism, and Prejudice. *Psychological Reports*, 124(3), 977-1014. <https://doi.org/10.1177/0033294120925392>
- Dantas, A. M., Guerreiro-Casanova, D. C., & Azzi, R. G. (2012). Eficácia coletiva de professores: análise de escalas internacionais de avaliação. *Avaliação Psicológica*, 11(2), 181-190.
- Devine, C. J. (2015). Ideological Social Identity: Psychological Attachment to Ideological In-Groups as a Political Phenomenon and a Behavioral Influence. *Political Behavior*, 37(3), 509-535. <https://doi.org/10.1007/s11109-014-9280-6>
- Eagleton, T. (1991). *Ideology: An introduction*. Verso.
- Evans, G., Heath, A., & Lalljee, M. (1996). Measuring left-right and libertarian authoritarian values in the British electorate. *British Journal of Social Psychology*, 47(1), 93-113. <https://doi.org/10.2307/591118>
- Freedon, M. (1994). Political Concepts and Ideological Morphology. *The Journal of Political Philosophy*, 2(2), 140-164. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9760.1994.tb00019.x>
- Gómez, A. (2020). What does not kill us, makes us stronger: The COVID-19 pandemic transforms anonymous citizens into devoted actors. *International Journal of Social Psychology*, 35(3), 611-617. <https://doi.org/10.1080/02134748.2020.1783838>
- G1 - São Paulo. (25 de março de 2020). Ao menos 25 dos 27 governadores manterão restrições contra coronavírus mesmo após Bolsonaro pedir fim de isolamento. <https://abre.ai/jGDi>

Jost, J., Glaser, J., Kruglanski, A. W., & Sulloway, F. J. (2003). Political Conservatism as Motivated Social Cognition. *Psychological Bulletin*, 129(3), 339-375.

<http://doi.org/10.1037/0033-2909.129.3.339>

Lacerda, B. A. (2017). As origens do Igualitarismo. *Revista de Direito, Estado e Sociedade*, 52, 28-52. <https://doi.org/10.17808/des.51.717>

Moreira, P. L. (2017). *O Julgamento Moral e a Construção da Ação Política*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal da Paraíba e Universidade de Santiago de Compostela – Espanha]. Minerva – Repositório Institucional da Universidade de Santiago de Compostela. <https://minerva.usc.es/xmlui/handle/10347/15844>

Moreira, P. L., & Guerra, V. M. (2021). Bem-estar subjetivo e ideologia política: efeitos e enfrentamento da pandemia da COVID-19. In Faro, A., Cerqueira-Santos, E., & da Silva, J. P. (Orgs.), *Psicologia e COVID-19: Saúde, Desenvolvimento e Educação* (pp. 199-220). Dialética Editora.

Moreira, P. L., Neto, J. R., Sabucedo, J. M., & Camino, C.P. S. (2018). Moral Judgment, political ideology and collective action. *Scandinavian Journal of Psychology*, 59, 610–620. <https://doi.org/10.1111/sjop.12479>

Morisi, D., Kost, J. T., & Singh, V. (2019). Na asymmetrical “President-in-Power” Effect. *American Political Science Review*, 113(2), 614-620.

<https://doi.org/10.1017/S0003055418000850>

Moya, M., & Willis, G. B. (2020). La Psicología Social ante el COVID-19: Monográfico del International Journal of Social Psychology. *International Journal of Social Psychology*, 35(3), 590-599. <https://doi.org/10.1080/02134748.2020.1786792>.

Oliva, G. (02 de abril de 2021). 44% atribuem a Bolsonaro responsabilidade pela atual crise da covid-19. Poder 360.

Peixoto, G. (02 de abril de 2021). Governadores reagem a tentativa de Bolsonaro de culpá-los por mortes. *Correio Brasiliense*.

Rosenfeld, D. (2020). Political Ideology and United States COVID-19 Outbreak.

PsyArXiv.

Rothgerber, H., Wilson, T. Whaley, D. Rosenfeld, D. L., Humphrey, M. Moore, A., &

Bihl, Al. (2020). Politicizing the COVID-19 Pandemic: Ideological Differences in Adherence to Social Distancing. *PsyArXiv*.

Rudnev, M., Vauclair, C-M., Aminihajibashi, S., Becker, M., Bilewicz, M., Castellanos

Guevara, J. L., Collier-Baker, E., Crespo, C., Eastwick, P., Fischer, R., Friese, M.,

Gomez, A., Guerra, V. M., Hanke, K., Hooper, N., Huang, L., Karasawa, M.,

Kuppens, P., Loughnan, S., Peker, M., ..., Bastian, B. (2020) Measurement invariance of the moral vitalism scale across 28 cultural groups. *PLoS ONE*, 15(6), e0233989.

<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0233989>

Sabucedo, J. M., Alzate, M., & Hur, D. (2020). COVID-19 y la metáfora de la guerra.

International Journal of Social Psychology, 35(3), 618-624.

<https://doi.org/10.1080/02134748.2020.1783840>

Schmitt, G., & Roxo, S. (06 de junho de 2021). Embates na pandemia levam maioria dos governadores que apoiaram Bolsonaro em 2018 a repensar aliança. *O Globo Política*.

Shao, W., & Hao, F. (2020). Confidence in political leaders can slant risk perceptions of

COVID-19 in a highly polarized environment. *Social Science & Medicine*,

261(113235). <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2020.113235>

Storopoli, J., Neto, W. L. B. S., & Mesch, G. S. (2020). Confidence in social institutions, perceived vulnerability, and the adoption of recommended protective behaviors in

Brazil during the COVID-19 pandemic. *Social Science & Medicine*, 265(10228).

<https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2020.113477>

UOL. (12 de janeiro de 2022). Bolsonaro atribui inflação a medidas de isolamento; economistas discordam. <https://abre.ai/jGDx>

van Holm, E. J., Monaghan, J., Shahar, D. C., Messina, J. P., & Surprenant, C. W. (2020). The impact of political ideology on concern and behavior during COVID-19. *SSRN Electronic Journal*. <https://doi.org/10.2139/ssrn.3573224>

van Zomeren, M. V., Postmes, T., Spears, R., & Bettache, K. (2011). Can moral convictions motivate the advantaged to challenge social inequality? Extending the social identity model of collective action. *Group Processes & Intergroup Relations*, 14(5), 735-753. <https://doi.org/10.1177/1368430210395637>

van Zomeren, M. V., Postmes, T., & Spears, R. (2012). On conviction's collective consequences: Integrating moral conviction with the social identity model of collective action. *British Journal of Social Psychology*, 51(1), 52-71. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8309.2010.02000.x>

Velasquez, A., & Larose, R. (2014). Youth collective activism through social media: The role of collective efficacy. *New Media & Society*, 17(6). <https://doi.org/10.1177/1461444813518391>

Vieira, P. R., Garcia, L. P., & Maciel, E. L. N. (2020). Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23, E200033. <https://doi.org/10.1590/1980-549720200033>

Vilela, P. R. (23 de abril de 2021). Bolsonaro responsabiliza prefeitos e governadores por desemprego. Agência Brasil.